



ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA E ECOFEMINISMO: UMA ANÁLISE DO CASO DA VACA DORIS

Mayara Macedo Assis – mayaramacedo97@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7579-252X>

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto – kiokoelza@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0987-8448>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo propor uma articulação entre a Análise do Discurso Ecológico (ADE) e o Ecofeminismo. A ADE estuda as relações de sentidos geradas pelas interações entre sujeitos em seu ecossistema, levando em conta a questão da vida. O Ecofeminismo, principalmente em sua vertente animalista, entende que todas as formas de opressão estão conectadas, pois são derivadas da mesma visão de mundo. Ambas as teorias possuem em comum o viés ecológico e a pretensão de ir além do pensamento dicotômico que predomina na sociedade ocidental. Foca-se aqui nas noções de humanidade e animalidade que predominam na cultura ocidental, moldando as visões de mundo e os relacionamentos com formas de vida não humanas. Exemplifica-se essa dicotomia por meio da análise de uma notícia publicada sobre a vaca Doris que, ao fingir dormir para não ser ordenhada, viralizou na Internet e culminou no comentário de seu dono: “ela é mais pessoa do que vaca”. Para tanto, será adotada a *ecometodologia*, com a exposição teórica dos textos estudados e articulação entre eles, seguida da análise qualitativa do *corpus* selecionado. Como resultados esperados, pretende-se mostrar como a Visão Ecológica de Mundo (VEM) adotada pela ADE pode ajudar a reconhecer a mutualidade que deve existir na relação humano-animal e, conseqüentemente, auxiliar a rever nossas visões de mundo e comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Ecológico; Ecofeminismo; Humanidade; Animalidade.

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma nova forma de se fazer análise do discurso que vem ganhando destaque nos últimos anos, principalmente no eixo Brasília-Goiânia. Trata-se de uma área que parte da Ecologia assim como a Linguística Ecológica (LE), que é, por sua vez, uma vertente da Ecolinguística. Como o próprio nome já sugere, o conceito central é o de ecossistema, sendo todas as interações e os textos-discursos analisados no ecossistema linguístico no qual se inserem (Couto; Couto; Borges, 2015). O ecossistema é constituído por P-T-L: um povo (P) em determinado território (T) interagindo por meio da língua (L).

O grande diferencial é a Visão Ecológica de Mundo (VEM), que é uma forma de ver o mundo com base na Ecosofia, levando-se em consideração o equilíbrio e a harmonia dos ecossistemas e o respeito a todas as formas de vida. Dessa forma, defende-se a autorrealização de todas as espécies, o respeito pela vida de seres animais e vegetais e a manutenção da harmonia nos ecossistemas (Couto; Fernandes, 2021).

Partindo desse pressuposto, surgiu a ideia de articular as ideias da ADE com os princípios do Ecofeminismo, principalmente em sua vertente animalista. O Ecofeminismo parte da concepção de que todas as formas de opressão existentes estão interconectadas, especialmente aquelas de gênero e do meio ambiente. Dessa forma,

A crítica feminista propôs um sinal de igualdade entre a relação mulher-natureza e homem-cultura, que foi entendida como um tipo de binarismo social que divide os dois polos assimétricos, no qual o homem e a cultura estariam em vantagem sobre a mulher e a natureza, ambas a serviço dos primeiros (Carrobrez; Lessa, 2019, p. 83).

As autoras ainda mencionam que a articulação do eco com o feminismo não consiste em tratar de assuntos específicos relativos a mulheres, mas sim em constatar a degradação do meio ambiente e da vida planetária, em que a natureza e as formas de vida não humanas são vistas como subordinadas às necessidades do homem. A partir dessa ideia é que surgem as dicotomias entre natureza e cultura, humano e animal, masculino e feminino, dentre outras.

É a partir dessas considerações que surgiu o tema aqui proposto neste trabalho. Busca-se uma articulação entre a ADE e o Ecofeminismo, evidenciando de que modo as teorias podem ser utilizadas em conjunto dependendo do objeto de estudo a ser analisado. Para isso, é feita uma exposição teórica acerca de ambas, cujos principais pressupostos são posteriormente exemplificados por meio da análise do caso de Doris, uma vaca que chamou atenção por seu comportamento peculiar, o que foi amplamente noticiado nos meios de comunicação virtuais.

Para além desta introdução, este artigo está dividido em mais três seções. Na primeira delas, abordam-se os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Ecossistêmica e do Ecofeminismo, evidenciando os principais pontos de ambas as teorias e posteriormente os aspectos nos quais elas se relacionam e nos quais podem contribuir mutuamente uma com a outra. Em sequência, exemplifica-se essa inter-relação por meio da análise de uma notícia publicada sobre Doris, a vaca que fingiu dormir para não ser ordenhada e viralizou na internet. O caso é apresentado e analisado sob a ótica das duas teorias em questão. Por fim, tecem-se as considerações finais sobre o assunto, mas sem a pretensão de esgotá-lo, e sim de abrir as portas para futuros estudos.

2 ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA E ECOFEMINISMO: INTER-RELAÇÕES

A Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE) é uma disciplina que se dedica aos discursos e surgiu no movimento que levou à Ecolinguística, com a qual compartilha muitos conceitos. A Ecolinguística é um ramo no campo dos estudos da linguagem que tem como precursores estudiosos como Einar Haugen e Edward Sapir, mas se consolida de forma definitiva com a publicação de duas introduções à

Ecolinguística, em 1993, uma de Alwin Fill (na Alemanha) e outra de Adam Makkai (na Inglaterra). No Brasil, esse marco acontece com a publicação de Couto (2007).

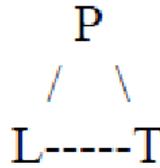
Como o próprio nome da disciplina sugere, o –eco vem de Ecologia, que é a sua base epistemológica. Considerando-se a etimologia da palavra – *oikos* [casa] + *logia* [estudo] = "estudo da casa" – tem-se que a Ecologia é o estudo das relações dos seres vivos com o seu meio ambiente. Analogamente, a Ecolinguística (ou Linguística Ecossistêmica, a vertente praticada no Brasil) é o estudo da relação entre linguagem e meio ambiente ou, para ser mais exato, o estudo das interações nos ecossistemas linguísticos.

Tem-se nessa definição dois conceitos chave: interação e ecossistema. Na perspectiva ecológica, a língua é a própria interação, e não um instrumento para a interação, visto que isso seria uma reificação dela. Ela só existe no contato entre duas ou mais pessoas. Além disso, existem dois tipos de interação. No ecossistema biológico, as interações podem ocorrer entre um organismo e seu entorno ou entre os próprios organismos. No ecossistema linguístico, há a interação pessoa-mundo e pessoa-pessoa. A primeira consiste na referenciação e a segunda na comunicação.

É importante ressaltar, também, que a interação comunicativa pode ser face a face, virtual e potencial (Couto e Fernandes, 2021). A comunicação face a face é a prototípica, aquela que envolve duas ou mais pessoas no mesmo tempo e espaço, a partir da qual as regras interacionais são utilizadas. Comunicação virtual é aquela que acontece por intermédio das tecnologias e que busca emular as características da prototípica, podendo ser síncrona ou assíncrona. A interação comunicativa potencial é aquela que ocorre entre escritor e leitor potencial, em que eles não estão presentes face a face no mesmo território, sincronicamente.

O ecossistema ecológico, por sua vez, é constituído por três elementos: uma população de organismos (P) vivendo em determinado habitat ou território (T) e interagindo entre si harmônica ou desarmonicamente (I). Da mesma forma, um ecossistema linguístico é composto por uma população (P) em determinado território (T) interagindo entre si através da língua (L). O I de interação se equipara ao L de língua, pois, como já dito, a língua é a própria interação. P, T e L são, dessa forma, o tripé de qualquer ecossistema, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 1 – Ecossistema linguístico



Fonte: Couto (2015)

É importante ressaltar também que existem quatro ecossistemas que devem ser considerados: 1) o natural, 2) o mental e 3) o social. Os três se fundem no 4) ecossistema integral da língua. O ecossistema natural é constituído pelos elementos físicos; trata-se de um povo de carne e osso habitando um território físico e interagindo por meio dos aspectos fisiológicos da língua. O ecossistema mental tem como *locus* a mente, na qual ocorrem as interações entre os neurônios e onde são formadas e armazenadas as memórias, símbolos e metáforas. Já no ecossistema social, os indivíduos são vistos em sua dimensão social e coletiva, em que se percebem os valores, visões de mundo e ideologias de determinada comunidade. Por fim, os três juntos formam o ecossistema integral da língua. Toda essa explanação é sintetizada no quadro abaixo:

Quadro 1 – Ecologia

ECOLOGIA	
Ecologia Biológica	Ecologia Linguística
1. ecossistemas biológicos	1a. ecossistemas linguísticos: natural, mental e social
2. população biológica	2a. povo (P)
3. <i>habitat</i> (biótopo, nicho, território)	3a. território (T)
4. inter-relações:	4a. linguagem/língua (L):
a) interações organismo- <i>habitat</i>	a') significação, referência
b) interações organismo-organismo	b') comunicação (interação comunicativa)

Fonte: Couto (2013)

A apresentação desses conceitos é relevante porque a Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE), pertencente ao mesmo contexto que a Linguística Ecossistêmica, tem como objeto de estudo os discursos e as construções de sentidos nos ecossistemas linguísticos, em contextos interacionais, considerando as dimensões natural, mental e social e, vale dizer, defendendo a vida de todos os seres vivos e lutando contra o sofrimento evitável (Couto; Couto; Borges, 2015, Couto; Fernandes, 2021).

É importante ainda especificar o que se entende aqui por discurso: “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (Silva, 2022, p. 19). Ou seja, trata-se de uma visão de mundo e, ao mesmo tempo, de um modo de conduta. Isso não significa que a ADE não considera a ideologia em

suas análises, mas que, ao invés de focar em relações de poder e contradições sociais, prioriza a ideologia da vida ou ecoideologia.

O conceito de ideologia para a ADE se aproxima do que foi proposto pelo círculo de Bakhtin, pois vai além do viés político e abarca todo e qualquer tipo de valor que se manifesta no texto-discurso: "tudo que se diz está permeado dos valores adquiridos pelos sujeitos no seu contexto de existência" (Couto; Fernandes, 2021, p. 18). Quando se pensa em ideologia apenas na perspectiva política e sócio-histórica, a ênfase invariavelmente se dá no conflito e nas rupturas de harmonia.

Já do ponto de vista ecológico, ou seja, da ecoideologia, a ideologia política e os desequilíbrios no ecossistema são subordinados à ideologia da vida, ou seja, o foco é sempre na defesa da vida (de todas as espécies – humana, animais e vegetais). Ao invés de enfatizar o conflito, o objetivo é recuperar o equilíbrio: "não importa se o discurso mobilizado configura sentidos que beneficiem aspectos econômicos, sociais, políticos... Importa que esses discursos contribuam ou não para o ecossistema, ou seja, para a manutenção da harmonia entre os seres na terra" (Couto; Fernandes, 2021, p. 18).

A ADE parte da Visão Ecológica de Mundo (VEM), que consiste em ver o mundo (o meio ambiente e todas as espécies vivas – humanas, animais e vegetais) de modo ecocêntrico e não antropocêntrico, ou seja, atribuindo o mesmo valor a todas as espécies vivas e valorizando a diversidade e o bem-estar coletivo. Além disso, adota uma visão holística, o que não significa que o pesquisador é onisciente, mas sim que não considera a língua como um fenômeno só natural, só mental ou só social; considera-a como um fenômeno biopsicossocial.

O diferencial da ADE não é se dedicar a textos-discursos que falem de questões ecológicas, mas sim trazer uma visão ecológica de mundo (VEM) para o estudo de todo e qualquer discurso. Em consonância com essa perspectiva, ela tem como princípios básicos amenizar o sofrimento, superar a vulnerabilidade e preservar a vida. Partindo do pressuposto de que "o ser humano é apenas um dos constituintes do meio ambiente, um ser microcômico que, na relação com todos os outros seres, integra o macrocosmo" (Couto; Fernandes, 2021, p. 8), é necessário que haja mais respeito por tudo que nos cerca, para manter o equilíbrio e a vida.

Tendo como ponto de partida a harmonia nos ecossistemas e a preservação da vida, há alguns conceitos e categorias que se tornam importantes em uma análise, tais como: ecologia da interação comunicativa (constituída por interactantes, cenário e regras interacionais), comunhão, diversidade, porosidade ou abertura, evolução e adaptação. Cada um deles pode ser visto detalhadamente em Couto (2013).

A ADE e o Ecofeminismo possuem pontos em comum e podem ser articulados a depender do objeto de estudo. O termo "Ecofeminismo" surge pela primeira vez em 1974 na obra da francesa Françoise d'Eaubonne, com uma conotação diferente da que possui atualmente, sendo ressignificado depois no

contexto norte-americano (Kheel, 2019). De modo geral, a teoria propõe uma conexão entre as dicotomias homem-mulher e cultura-natureza: o feminino é associado ao mundo natural e ambos são colocados em uma posição subalterna, como objetos de domínio. De acordo com Kheel (2019), trata-se de uma relação mútua: as mulheres são associadas à natureza e a natureza é vista como feminina. Como exemplo, a autora explica que:

As mulheres, de acordo com essa visão, estão relacionadas ao reino da natureza pelos processos biológicos como gravidez, menstruação e parto. Homens, pelo contrário, são capazes de transcender a natureza através de atividades heroicas que colocam a vida em risco, como a caça, a pesca e a guerra. Ao transcender o mundo natural eles se tornam sujeitos humanos completos, diferentemente das mulheres que permanecem objetos no mundo natural (Kheel, 2019, p. 26).

Para além do exemplo da autora, pode-se pensar também na forma como nos referimos ao mundo natural e ao mundo cultural, mais especificamente à religião: tem-se a Mãe Natureza e Deus Pai. Mas nem sempre foi assim, visto que o feminino já foi associado à natureza de modo positivo, com a terra simbolizando acolhimento e renovação da vida e depois passando à posição subalterna que ocupa hoje. De modo geral, então, a conexão entre o eco e o feminismo se justifica pela constatação de que as diversas formas de opressão estão todas interconectadas, especialmente as de gênero e natureza.

A partir dos anos 80 e 90, a teoria feminista começou a se expandir de modo que a ideia de gênero fosse pensada além das barreiras de espécie, visto que a oposição criada entre homem-mulher e cultura-natureza sustenta outros pensamentos dicotômicos, tais como: humano e animal, espiritual e corporal, natural e social e assim por diante. Dessa forma, questiona-se não apenas a relação opressiva entre os gêneros, mas também o domínio dos seres humanos sobre a natureza e sobre outras espécies, de modo que os argumentos desenvolvidos em prol das mulheres passam a ser utilizados também a favor dos direitos dos animais (Kirjner, 2015).

Segundo Kirjner (2015), o ambientalismo e a luta pelos direitos animais têm em comum a preocupação com o "progresso", o domínio humano sobre a natureza e os limites do comportamento humano. A autora ressalta ainda que as questões ecológicas e ambientais foram trazidas à tona por mulheres, havendo uma conexão entre aumento do feminino na política e na ciência e ascensão do movimento ambientalista e dos direitos animais nos séculos XIX e XX.

Obviamente, não pretende-se propor uma conexão essencial entre mulheres e natureza, mas sim que o movimento anti-vivissecação, as sufragistas e as teóricas vanguardistas que compuseram o ambientalismo e os movimentos de direitos/libertação animal questionaram privilégios masculinos que sustentavam não só uma relação opressiva direta entre os gêneros, mas o domínio dos seres humanos sobre a natureza (Kirjner, 2015, p. 170).

A vertente do Ecofeminismo que se volta mais explicitamente para os direitos animais recebeu a alcunha de Ecofeminismo animalista. Por mais que a teoria como um todo vise a lutar contra a relação instrumental que o ser humano tem com a natureza, ou seja, os usos que faz dela pensando apenas no próprio benefício, a vertente animalista pensa mais especificamente a relação humana com outros animais e a conexão existente entre todas as lutas antiopressão.

Além disso, é importante ressaltar que não se pensa na relação humano-animal tendo como preocupação o impacto na moralidade do homem, assim como ocorreu ao longo da história da religião e da filosofia no ocidente (Kheel, 2019). Pensa-se na relação humano-animal tendo como preocupação as próprias formas de vida não humanas. O foco, dessa forma, é a empatia e cuidado, bem como o entendimento da visão de mundo predominante que leva à falta desses.

A associação entre o pensamento feminista e o ecológico não pressupõe tratar de assuntos específicos de mulheres, mas sim da deterioração ambiental, da vida planetária e das formas de opressão como um todo, sejam elas manifestadas no racismo, sexismo, heterossexismo ou outros – trata-se da libertação das mulheres, dos animais, das etnias e da sexualidade (Carrobrez e Lessa, 2019), conforme se lê abaixo:

Compreender que existe a mesma lógica de dominação por trás de todos os ismos de dominação (machismo, racismo, classismo, especismo etc.) permite pensar a superação de diversas formas de opressão também em conjunto, na medida em que conectar as opressões revela a mesma maneira de pensar e organizar o mundo entre os de cima (mais poderosos, valiosos) e os de baixo, subalternizados pelos que têm poder (Rosendo e Zirbel, 2019, p. 97).

Recapitulando as noções apresentadas nesta seção, tem-se que a ADE é uma disciplina que se dedica ao estudo dos textos-discursos nos ecossistemas linguísticos, considerados em suas dimensões natural, mental e social. Ela parte de uma visão ecológica de mundo e prioriza a ecoideologia. Muito se fala na ADE sobre a importância da vida e da autorrealização de todos os seres vivos, mas ainda são escassos os trabalhos que abordam seres vivos não humanos, o que pode ser atribuído à própria cultura antropocêntrica, que tende a valorizar alguns estudos em detrimento de outros. É a partir daí que se propõe a articulação com o Ecofeminismo, principalmente em sua vertente animalista.

O reconhecimento da conexão existente entre todas as formas de opressão significa que, ao se combater uma, indiretamente se está combatendo todas, visto que elas partem de uma mesma visão de mundo. Como ambas as teorias têm foco na empatia, na ética do cuidado, na identificação/superação de vulnerabilidades e na visão ecológica de mundo, elas se tornam propícias para o estudo dos ditos “ismos”: racismo, classismo, heterossexismo, machismo, especismo, dentre outras. Enquanto o Ecofeminismo

propõe a construção de uma ponte conectando todas as lutas antiopressão, a ADE pode sustentar essa ponte por meio do estudo do discurso, sempre apoiado na materialidade linguística.

Ainda sobre a vulnerabilidade, é importante ressaltar que “indivíduos vulneráveis são aqueles cujas capacidades de poder e controle sobre seus próprios interesses estão reduzidas, em comparação a outros sujeitos” (Rosendo e Zirbel, 2019, p. 99). Ser vulnerável em determinadas situações faz parte da condição humana e dos demais seres vivos; entretanto, é indiscutível que as relações opressivas intensificam essa condição e, em muitos casos, levam também a sua negação, conforme se verá na seção abaixo.

3 “MAIS PESSOA DO QUE VACA”: O CASO DE DORIS

Conforme mencionado na introdução, objetiva-se aqui exemplificar os pressupostos teóricos apresentados por meio de uma análise qualitativa do caso de Doris. O *corpus* escolhido foi sucinto, apesar de o assunto ter sido veiculado em diversos *sites*, mas justifica-se aqui a escolha de cada um dos textos. Antes de adentrar no *corpus* em si, é válido tecer algumas considerações sobre a metodologia.

Conforme já mencionado, trata-se de uma análise qualitativa cujo objetivo é integrar a apresentação dos pressupostos teóricos feita anteriormente, abrindo assim as portas para futuras interseções entre a ADE e o Ecofeminismo. Por isso, não se fez necessário o aprofundamento em categorias de análise, pois são os pressupostos básicos das teorias que orientam a interpretação do *corpus*: a defesa da vida, luta contra sofrimento evitável, superação da vulnerabilidade, visão ecocêntrica de mundo e antiespecismo.

Couto (2018) explica que a ecometodologia – ou seja, a metodologia adotada pelas vertentes “eco” da linguística, tais como a ADE – é naturalmente multimetodológica e multidisciplinar, podendo recorrer a outras teorias e metodologias quando necessário, mas sempre avaliando os resultados de modo abrangente, a partir de uma visão ecológica de mundo. Por isso, justifica-se a inter-relação proposta aqui com o Ecofeminismo e o recorte do *corpus* de modo a exemplificar os pressupostos teóricos apresentados.

Couto (2018) fala também, embasado em Garner (2004), em método da focalização, que consiste em momentaneamente se dedicar a um aspecto específico do objeto, se necessário com o amparo de um modelo teórico-metodológico também específico, mas sem perder de vista o objeto como um todo e o contexto geral no qual ele se insere. Como os textos escolhidos foram escritos e publicados *online*, torna-se inviável a análise da interação em si, pois o foco não é na interação leitor-texto ou leitor-autor, a qual é inclusive difícil ter acesso. Dessa forma, o foco está nas escolhas linguísticas mobilizadas nesses textos – principalmente a nível lexical – e as visões de mundo que elas revelam, afinal, como afirma Silva (2022), o texto é a base material que constitui a via de acesso ao discurso. O discurso, por sua vez, por estar

vinculado ao seu contexto de origem, acaba por transcender o texto e a língua (Silva, 2022). Feita essa explanação, apresenta-se o caso de Doris e os textos a seguir.

O primeiro contato com o assunto em questão se deu por um *post* no *instagram*, publicado no dia 2 de abril de 2023 no perfil da BBC Brasil (@bbcbrasil), mostrado abaixo:

Figura 2 – Post da @bbcbrasil



Fonte: [instagram.com/bbcbrasil](https://www.instagram.com/bbcbrasil)

Em busca pela notícia no *site*, descobriu-se que, no Brasil, a notícia não chegou a ser publicada pela BBC, apenas no *instagram*. As fontes brasileiras encontradas que falavam sobre o assunto eram provenientes de *sites* menores, nenhuma com o mesmo alcance e reputação da BCC. Dessa forma, optou-se aqui pela notícia original, publicada no Reino Unido, onde se deu o acontecimento. A manchete está reproduzida abaixo e, como se vê, a publicação foi feita três dias antes do *post* de *instagram* no Brasil, no dia 30 de março de 2023.

Figura 3 – Notícia da BBC

Isle of Wight cow 'faking sleep' attracts global sympathy

© 30 March



| The video showing Doris' "pretend sleeping" is a viral hit

By Toby Wadey
BBC News

A cow has attracted sympathy from across the globe for "pretending" to be asleep to get out of being milked.

Fonte: <https://www.bbc.com/news/uk-england-hampshire-65123453>

Em uma fazenda leiteira localizada na Ilha de Wight, no Reino Unido, a vaca Doris foi filmada enquanto fingia dormir para não ser ordenhada. John Brodie, o fazendeiro responsável pela filmagem, relata que filmou o acontecimento apenas com a intenção de mostrar para a sua esposa, Laura. Laura pensou que seria divertido compartilhar o vídeo na conta do casal no *TikTok*, onde o vídeo chamou a atenção dos internautas e viralizou. Conforme afirma a própria notícia: “O vídeo que causou toda a comoção mostra o vaqueiro John Brodie tentando convencer a vaca Doris, que parece pouco impressionada, a ir para o lado de fora em uma manhã fria duas semanas atrás”¹ (Wadey, 2023).

A notícia relata ainda quais foram as reações dos internautas diante do acontecimento em questão, afirmando que muitos demonstraram empatia por Doris e se identificaram com ela, fazendo brincadeiras sobre também detestarem acordar cedo, conforme mostra a imagem:

¹ Tradução própria. No original: “The video prompting all the fuss shows farmhand John Brodie trying to coax an unimpressed-looking Doris outside on a cold morning two weeks ago”.

Figura 4 – Reações dos internautas no *TikTok*



Fonte: <https://www.bbc.com/news/uk-england-hampshire-65123453>

Por fim, a notícia traz a transcrição de uma fala de John Brodie em uma entrevista, que é também o trecho em destaque na presente análise. A ênfase dada a esse trecho em específico deve-se ao fato de que o restante da notícia possui um viés mais descritivo, apenas relatando quais foram os acontecimentos que culminaram na viralização do caso de Doris. É nas palavras de John Brodie que a visão de mundo por trás do episódio de fato se destaca, conforme se vê abaixo:

O Sr. Brodie foi entrevistado na CNN, contando à repórter Jeanne Moos sobre como a Doris sempre teve uma tendência a ser “espertinha” [...] Ele disse que adorava o vínculo que tinha desenvolvido com a Doris, sendo que a vaca amigável frequentemente tentava cuidar dele, como se ele fosse um membro do rebanho. “A Doris tem uma personalidade fantástica - definitivamente é mais pessoa do que vaca”, acrescentou ele (Wadey, 2023, online)².

Ressalta-se, aqui, que também se recorreu à fonte mencionada, CNN, cujo *link* se encontra disponível na própria matéria da BBC. Entretanto, na página em questão não há nenhuma informação diferente das já apresentadas, há apenas o vídeo no qual John Brodie dá uma curta entrevista e fala o trecho já transcrito acima. Um aspecto que se destaca, entretanto, é a construção frasal da manchete, mostrada abaixo:

² Tradução própria. No original: "Mr Brodie was subsequently interviewed on CNN, telling reporter Jeanne Moos about how Doris always had a tendency to be 'cheeky' [...] He said he loved the bond he had built up with Doris, with the friendly cow often trying to groom him as if he was a member of the herd. 'Doris has a fantastic personality - she's definitely more person than cow', he added".

Figura 5 – Notícia da CNN



A cow in the U.K. fakes sleep to get out of milking



Hate to get up in the morning? So does Doris, a dairy cow in England. Doris has gone viral for pretending to be asleep to get out of her milking duties.

Fonte: <https://www.bbc.com/news/uk-england-hampshire-65123453>

Enquanto a matéria da BBC abre o texto com a frase “Uma vaca atraiu simpatia de todo o mundo por ‘fingir’ estar dormindo para escapar de ser ordenhada”³, a matéria da CNN traz uma construção um pouco diferente: “Odeia levantar de manhã? A Doris também. Uma vaca leiteira na Inglaterra, a Doris, se tornou viral por fingir estar dormindo para escapar do seu trabalho de ordenha”⁴. Mesmo que o objetivo do presente texto não seja comparar as diferentes formas pelas quais o caso foi noticiado, é relevante aqui fazer um breve comentário acerca destes textos em específico, visto que o escolhido para a análise, da BBC, faz referência ao outro, da CNN.

Nota-se, na construção sintática dessas duas manchetes, dois aspectos de destaque. O primeiro deles é a interrogação presente na segunda e ausente na primeira: “Odeia levantar de manhã? A Doris também”. Tal estratégia pode ter sido utilizada de modo a induzir a conexão com o leitor, de modo que, ao ler, ele já se sinta próximo do relato e desperte sua empatia por Doris. O segundo aspecto é o uso da

³ Tradução própria. No original: “A cow has attracted sympathy from across the globe for “pretending” to be asleep to get out of being milked”.

⁴ Tradução própria. No original: “Hate to get up in the morning? So does Doris, a dairy cow in England. Doris has gone viral for pretending to be asleep to get out of her milking duties”.

palavra “trabalho” (do inglês *duty*, que também pode ser traduzido como responsabilidade ou dever). Enquanto a primeira construção traz que Doris fingiu dormir “para escapar de ser ordenhada”, o que a coloca numa posição de passiva, em que a ordenha acontece independente de sua vontade, a segunda afirma que ela fingiu dormir “para escapar do seu trabalho de ordenha”. Essa segunda colocação parece reafirmar o senso comum de que a ordenha é algo natural na vida de uma vaca, sendo um processo pelo qual todas passam e que não é questionado, pois é uma “responsabilidade” inerente a elas.

De modo geral, o *post* no *instagram* e a notícia aqui apresentados tratam o caso com humor e leveza, sem mencionar a realidade do “trabalho” de Doris. Já que a obtenção do leite não exige o abate do animal, como acontece com a carne, normalmente se pensa que a produção do leite é então um processo livre de sofrimento. Na prática, não é isso que acontece.

É impossível afirmar que a realidade de todas as fazendas e todas as indústrias é a mesma, entretanto, há alguns aspectos que são comuns à produção leiteira como um todo: as vacas são inseminadas artificialmente todo ano, a fim de otimizar a produção; são ordenhadas cerca de dez meses por ano, o que gera desgastes físicos; os bezerros são separados de suas mães logo após o nascimento para que o leite seja destinado aos humanos – fêmeas também se tornam leiteiras, machos vão para o abate. Há relatos de vacas que urram e buscam freneticamente por seus filhotes após a separação (Joy, 2014), o que demonstra que, além das implicações físicas, esse processo tem também consequências emocionais, trazendo sofrimento aos animais.

Diante desse cenário, nota-se que, na produção de leite, a opressão de gênero e de espécie se misturam. Uma vaca não é utilizada pela indústria apenas pela sua condição de ser um animal, mas também pela condição de ser fêmea. É o seu gênero que permite com que ela gere prole e consequentemente produza leite, e é o ser animal e ser fêmea, conjuntamente, que a coloca na posição de subjugação pelo homem. Além disso, ela é vista meramente como uma máquina, conforma sustenta Kheel:

Mulheres e animais são vistos como objetos ou matérias inanimadas que existem para servir as necessidades dos humanos, em particular às do Homem. De acordo com essa concepção, não há necessidade de conquista, visto que a natureza já foi seguramente relegada a um reino inferior (não-racional). A imagem da natureza como matéria inanimada pode ser vista hoje na prática da pecuária, na qual seres vivos são concebidos como fábricas para a produção de carne ou de outros produtos de origem animal (Kheel, 2019, p. 26).

Seria especulativo afirmar que Doris estava em uma situação de maus tratos, visto que o vídeo de John Brodie não dá nenhum indício disso. Entretanto, dada a sua condição de vaca leiteira, é possível afirmar que sua resistência ao levantar para ser ordenhada possivelmente não advém de preguiça ou

brincadeira de sua parte, mas sim de cansaço físico e emocional pela constante reprodução e ordenha. Essa realidade, entretanto, não é mencionada nem por John Brodie nem pela BBC, que abordam o acontecido pela perspectiva do humor e da diversão humanos.

A notícia visa a despertar a empatia do leitor, conforme já mencionado. Mas, ao mesmo tempo, ela desvincula essa empatia despertada do animal em si. A vaca em questão tem um nome, Doris. Trata-se do processo de referenciação, conforme já mencionado, pois é o dar nome às coisas que permite a nossa apreensão do mundo. Apesar de fazer parte de um rebanho de mais de 200 animais, não há nenhuma menção ao fato das outras vacas serem ou não nomeadas, o que já torna Doris diferente das demais, pois o nome é crucial para a conexão. É por isso que os animais domésticos, por exemplo, são nomeados, pois se espera que seja construído um vínculo entre tutor e pet. Ela é também adjetivada, visto que John Brodie comenta sobre sua expressão e sua personalidade: ela é esperta, amigável e consegue transmitir emoções por meio de sua expressão.

Tudo isso poderia levar à conexão com o animal, entretanto, ao fim, John Brodie afirma que “ela é mais pessoa do que vaca”. Todos os seus atributos que levam à empatia do leitor são vinculados ao seu caráter de “pessoa”, desvinculando os sentimentos despertados do animal. Maciel (2023, p. 156) afirma que “a linguagem afeta o nosso acesso à complexidade do mundo não humano”. Ao chamar Doris de “pessoa”, John obstrui completamente esse acesso, pois retira Doris do plano “não humano” e impede que todos os sentimentos despertados por ela sejam estendidos a outras vacas ou mesmo a animais de outras espécies.

Além disso, essa fala também revela o antropocentrismo, pois deixa implícito que ser “pessoa” é mais importante do que ser “vaca”. Fica implícito também que os humanos são superiores aos animais, mesmo que essa não tenha sido a intenção de John; é algo que está arraigado em nossa cultura.

Isso corrobora o pensamento de Ingold (1995), que afirma que, na nossa sociedade, a ideia de animalidade tem a ver com uma deficiência do que os humanos têm: linguagem, intelecto, consciência, dentre outros. Ou seja, um ser provido desses atributos é uma pessoa, um ser desprovido deles é um animal. Na busca da essência pela humanidade, não se pergunta o que torna os humanos animais de determinada espécie, mas sim o que os torna diferente dos outros animais.

Dessa forma, é considerado normal que Doris desperte sentimentos de empatia entre o público, mas que essa empatia não se estenda aos outros indivíduos do rebanho e também não se converta em ações de assistência perante esses animais. Segundo Maciel (2023), o discurso dominante sobre os animais se converte em discurso dominador e em práticas de violência contra esses próprios animais, de modo que a exploração das vacas leiteiras continuará acontecendo independente da viralização do caso de Doris ou mesmo de outros casos. O modo como tudo foi noticiado orienta sutilmente o leitor a manter a visão de mundo predominante de que os animais devem servir aos humanos e de que determinados

sentimentos – tais como empatia e identificação – só podem ser dispensados aos nossos semelhantes, os outros humanos.

Formulando assim, tem-se a oposição entre humanidade e animalidade, pois não mais se considera os seres humanos como uma parte do reino animal, mas sim como superiores aos demais animais. É por meio dessa concepção de animalidade enraizada em nosso contexto cultural que se torna possível afirmar, sem gerar questionamentos do público, que Doris é mais pessoa do que vaca.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em Análise do Discurso Ecossistêmica e em Ecofeminismo não significa tratar de assuntos especificamente relativos a mulheres, mas sim de deterioração ambiental, dominação de outras espécies e qualquer forma de opressão social. Ressalta-se que as formas de opressão são em grande parte derivadas do pensamento dicotômico, característico do ocidente.

Dessa forma, as dicotomias entre natureza e cultura, emoção e razão, homem e mulher, branco e negro, dentre outras, são oriundas do mesmo pensamento responsável pela dicotomia entre homem e animal e, conseqüentemente, entre pessoa e vaca. Entretanto, na visão ecológica de mundo, não há uma fronteira nítida entre a humanidade e a animalidade. São todos seres vivos que estão sempre à procura da própria autorrealização.

É próprio da ADE propor ações realizáveis de acordo com a visão ecológica de mundo, mediante intervenções em prol da vida, sempre levando em consideração o contexto no qual a problemática em questão está inserida. E essas ações realizáveis são pautadas pela ética do cuidado e superação da vulnerabilidade, visto que:

Enquanto é verdade que a empatia e o cuidado não podem ser exigidos, também é verdade que leis e princípios abstratos e regras universais não são tão eficientes quanto se presume. As mulheres têm o direito de não serem estupradas, mas isso não as têm protegido da violência dos homens (Kheel, 2019, p. 29).

A lógica utilizada pela autora para se referir à violência contra as mulheres pode também ser analogamente utilizada para se referir à exploração dos animais não humanos ou a qualquer outro tipo de opressão, visto que a articulação entre ADE e Ecofeminismo visa justamente a fornecer o embasamento teórico necessário para se abordar qualquer tipo de “ismo” em nossa sociedade que exija atenção.

Diante do exposto, pode-se perguntar: quais são as ações realizáveis diante de toda essa situação? Conforme já mencionado, os pressupostos que orientaram toda a discussão foram a defesa da vida, luta contra sofrimento evitável, superação da vulnerabilidade, visão ecocêntrica de mundo e antiespecismo.

Seria idealista sugerir que, dado o possível cansaço físico e emocional de Doris e do restante do rebanho, que esses animais deveriam ser eximidos da ordenha. Mais idealista ainda seria pensar na cessação da produção de leite como um todo.

Entretanto, um caminho possível e perfeitamente realizável é justamente o que foi feito aqui, a reflexão sobre o caso. Observar como os animais têm sido retratados – na mídia, na literatura, na religião, na ciência ou onde for – e as diferenças de tratamento recebidas entre as diversas espécies conforme a utilidade que elas têm para nós é o primeiro passo para se reconhecer o especismo que existe e os discursos de dominação sobre os animais que predominam na nossa cultura.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- CARROBREZ, L.; LESSA, P. Por um ecofeminismo animalista: contribuições de Carol Adams e Greta Gaard. In: ROSENDO, D. (org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.
- COUTO, E. K. N. N. do. *Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes Editores, 2013. 4. v.
- COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, E. M. da F. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.
- COUTO, H. H. do. Linguística Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015.
- COUTO, H. H. do.; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015. 9. v.
- COUTO, H. H. A metodologia na linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- GARNER, M. *Language: an ecological view*. Londres: Continuum, 2004.
- INGOLD, T. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.
- JOY, M. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não*. São Paulo: Cultrix, 2014.

KHEEL, M. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, D. (org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

KIRJNER, D. de A. P. *Entre gênero e espécie: à margem teóricas das Ciências Sociais e do feminismo*. 2015. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MACIEL, M. E. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

ROSENDO, D.; ZIRBEL, I. Dominação e sofrimento: um olhar ecofeminista animalista e partir da vulnerabilidade. In: ROSENDO, D. (org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

SILVA, A. N. da. O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica. *BOLETIM DO GEPLÉ (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecossistêmica)*, n. 10, p. 16-21, 2022.

WADEY, T. *Isle of Wight cow 'faking sleep' attracts global sympathy*. BBCNews, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-hampshire-65123453>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Title

Ecosystemic discourse analysis and ecofeminism: an analysis of the case of cow Doris.

Abstract

This paper aims to propose an articulation between Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) and Ecofeminism. EDA examines the meaning effects generated by interactions among subjects in their ecosystem, taking into account the question of life. Ecofeminism, especially in its animalist aspect, understands that all forms of oppression are interconnected, as they stem from the same worldview. Both theories share an ecological bias and the ambition to transcend the dichotomous thinking prevailing in Western society. The focus here is on the notions of humanity and animality that prevail in Western culture, shaping worldviews and relationships with non-human forms of life. This dichotomy is exemplified through the analysis of a news article about Doris the cow, who, pretending to sleep to avoid milking, went viral on the internet, leading to her owner's comment: "she is more of a person than a cow." Ecomethodology will be adopted, with the theoretical exposition of the studied texts and their articulation, followed by the qualitative analysis of the selected corpus. The expected results aim to demonstrate how the ecological worldview embraced by EDA can help recognize the mutuality that should exist in the human-animal relationship and, consequently, contribute to reevaluating our worldviews and behaviors.

Keywords

Ecosystemic Discourse Analysis; Ecofeminism; Humanity; Animality.

Recebido em: 15/01/2024

Aceito em: 01/04/2024